

UMA ESTUDANTE NEGRA COM DEFICIÊNCIA E OS “REFÚGIOS ALTERNATIVOS”: RESISTÊNCIA E ACOLHIMENTO

SIMONE TEIXEIRA BARRIOS¹; GEORGINA HELENA LIMA²

Universidade Federal de Pelotas – simonetbarrios@gmail.com¹
Universidade Federal de Pelotas –geohelena@yahoo.com.br²

1. INTRODUÇÃO

O texto apresentado surgiu a partir da pesquisa de doutoramento, vinculada ao PPGE FAE/UFPEL, na linha: Formação de Professores, Ensino, Processos e Práticas educativas, sob a orientação da professora Dr^a Georgina Helena Lima Nunes. A investigação teve como proposta compreender o processo de escolarização de uma estudante mulher negra deficiente ao anunciar a interseccionalidade na construção de análise dos marcadores sociais de raça, gênero e deficiência a partir de sua história de vida. Portanto, o trabalho ora apresentado é um recorte desse estudo que teve como abordagem metodológica qualitativa a História de vida de uma estudante negra com deficiência porque entendemos que a história e as narrativas “de mulheres não apenas traz de volta à superfície parcelas da experiência histórica feminina, além disso, contribui para enfocar os mecanismos de inclusão e exclusão” (Salvatici, 2005, p. 36). Portanto, as análises dos dados da tese suscitaram muitas reflexões, dentre elas, optamos por trazer o aspecto que se constituiu como contribuição significativa de nosso estudo que chamamos “refúgios alternativos” a partir dos “espaços seguros” de Patricia Collins(2019). Os espaços seguros (Collins, 2019) sugerem ambientes onde os indivíduos se sintam protegidos, aceitos e capazes de expressar sua verdadeira essência, sem medo de julgamentos. A importância desses locais vai se dar no momento em que as mulheres negras podem compartilhar suas experiências, perspectivas e lutas em ambientes acolhedores e solidários (Collins, 2019). Esses espaços oferecem um local para a expressão de identidades multifacetadas e a criação de laços de apoio entre as mulheres negras. Dessa forma, o objetivo do texto apresentado neste momento, é visibilizar os espaços educativos e formativos de Juliana como lugares de resistência e de acolhimento para além do ambiente escolar, porém considerados escola pois educam e se entrelaçam com a sua escolarização. Os espaços que Juliana frequenta tornam-se pilares para que a estudante confronte tudo que possa ser determinante e resulte em sua objetificação como o outro. Os locais escolhidos por ela, como espaços seguros, são os que lhe proporcionam alegrias, conhecimentos, conexão com o sagrado e o desenvolvimento da sua capacidade de luta. Por essa razão, apesar das complexidades e desafios, ainda assim podem ser considerados como refúgios alternativos. São espaços que se abrem para a autodefinição de Juliana, sendo esta uma condição de validação das mulheres negras como sujeitos humanos (Collins, 2019). Assim, os “REFÚGIOS ALTERNATIVOS” visam criar redes de solidariedade, fortalecer identidades e desenvolver resistência ao enfrentamento das opressões, emergem como espaços de transformação e empoderamento, especialmente para mulheres negras que sistematicamente enfrentam uma intersecção de opressões baseadas em raça, gênero e classe social, carregando um legado de violência e trauma, mas também se ancoram e mobilizam forças e resiliência ancestral. Para

desenvolver a tese, muitas(os) autoras(es) nos acompanharam, porém nesta escrita, a escolha deu-se por: Collins(2019), hooks(2021), Crenshaw(2004), Rufino(2019), Salvatici(2005) e Hampaté(2010).

2. METODOLOGIA

O caminho analítico metodológico escolhido foi a História de Vida, tendo um olhar atento aos pressupostos da matriz teórica da interseccionalidade, conceito criado pela jurista estadunidense Kimberlé Crenshaw (2004). Desse modo, a contribuição teórica deu-se através das obras, dentre muitos, dos (as) autores (as) citados(as) acima. Os dados foram apreendidos especialmente por meio de narrativas orais, escritas, registros e imagens das redes sociais da estudante, acervo pessoal da pesquisadora e da estudante, além de anotações do diário de campo e a análise do conteúdo deu-se através dos pressupostos de Bardin (2016). A referida metodologia foi ao encontro do seguinte questionamento: como se efetivou o processo de escolarização da estudante ante os demarcadores sociais de raça, gênero e deficiência, tendo como perspectiva a sua história de vida? A fim de responder a essa questão, outras problematizações surgiram para ampliar as reflexões, tais como: será que os marcadores de raça, gênero e deficiência foram dimensões consideradas na trajetória de escolarização de Juliana? Quais as estratégias usadas por Juliana no cotidiano escolar diante das opressões sofridas? Como a família de Juliana acompanhou/vivenciou a sua trajetória escolar? Quais são as memórias prevalecentes e persistentes, quando a estudante vivencia a sua escolarização, bem como os demais espaços educativos? Portanto, o objetivo deu-se no intuito de refletir acerca do processo de escolarização de uma estudante negra com deficiência surgindo para além da escola outros locais que Juliana percorre como refúgios alternativos de sua presença no mundo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Numa sociedade marcada por desigualdades, onde comunidades marginalizadas enfrentam múltiplos desafios, os “REFÚGIOS ALTERNATIVOS” emergem como espaços de transformação e empoderamento, especialmente para mulheres negras. Estas mulheres enfrentam uma intersecção de opressões baseadas em raça, gênero e classe social, carregando um legado de violência e trauma, mas também se ancoram numa força e resiliência ancestral. Nesse contexto, Juliana, em todos os momentos que falou sobre suas vivências, evidenciou os desafios que a todo tempo precisa enfrentar. Assim, os “refúgios alternativos” se configuraram como locais fundamentais para a reconstrução de sua vida, a cura de suas feridas, o fortalecimento de suas identidades e a promoção de seu protagonismo. Esses espaços, então, erguem-se como verdadeiros locais de resistência, onde Juliana consegue expandir seus horizontes. Nos “refúgios alternativos”, Juliana, e em extensivo as mulheres negras, podem encontrar o acolhimento e o suporte necessários para resgatar sua dignidade e construir suas trajetórias. Os “refúgios alternativos” são uma rejeição à visão romântica de espaços isentos de contradição. Eles surgem da experiência de Juliana em ambientes que a desafiaram a enfrentar discriminações, muitas vezes de maneira solitária. Na tese o ato de “se refugiar” foi percebido como um projeto de resistência e de afirmação da própria existência em lugares que, embora possam se mostrar inúmeras vezes violentos, ainda assim funcionam como refúgios na

concretude de espaços onde Juliana e outras tantas mulheres conseguem, minimamente, sentirem-se livres e apoiadas. Portanto, os “refúgios alternativos” relacionam-se com uma diversidade de iniciativas que, reunidas, não se restringem somente aos espaços como lugares físicos mas também emocionais. Os “refúgios alternativos” defendem o acolhimento de forma mais específica para mulheres negras com deficiência, com o intuito de atender e valorizar a pluralidade humana, criando pontes entre as diversas esferas das identidades que se cruzam. Juliana encontrou um terreno fecundo para movimentar estratégias como tentativas de reivindicar seus desejos e projetos, através da sua participação no carnaval, o desenvolvimento e continuidade da sua formação escolar, na sua presença no espaço religioso e nos movimentos sociais. Juliana vem se conectando com suas raízes nos “espaços seguros” e de “refúgios alternativos”, celebrando sua negritude, reconhecendo suas deficiências e encontrando a força necessária para continuar a sua jornada de autodefinição e ajuda coletiva. Dentre os espaços educativos e formativos, Juliana indicou aqueles que podem potencializar ações favoráveis e formas legítimas de acolhimento. São eles: Espaço escolar; Espaço Religioso; Espaço carnavalesco e o Espaço dos movimentos sociais. Escolhemos para este texto como exemplo o refúgio sagrado de Juliana que é a Umbanda: “na religião eu tenho uma rede de apoio espiritual muito forte”(Juliana,2023). Entendemos que seria como se Juliana sempre estivesse nesse local cercada de amparo, e é nesse movimento com o sagrado que se alia às palavras proferidas por hooks (2021, p. 242), quando diz que “[...] poderia me elevar mais alto, que poderia me proporcionar momentos de êxtase transcendente durante os quais eu conseguiria renunciar a todos os pensamentos sobre o mundo e conhecer a paz profunda”. Para Juliana, se a educação é a promessa de dias melhores, a religiosidade surge como uma pedagogia da encruzilhada (Rufino, 2018). Esse autor explora o conceito como uma metáfora para ressaltar a pluralidade de saberes das vivências culturais, no contexto das religiões de matriz africanas. Para Rufino (2018), as encruzilhadas representam lugares de encontro, sendo que em nossa pesquisa o espaço religioso como “refúgio alternativo” vai ao encontro com o sagrado. Desse modo, Juliana (2023) explicita as aprendizagens desenvolvidas nesse local, em que escolhe refugiar-se: “a religião pra mim é onde eu me sinto protegida e também aprendo a ser melhor”. Por fim,a cor da pele, já sabemos muito bem que interfere nos processos de humanização, portanto é preciso reivindicar o lugar pedagógico de escola nos espaços não formais. São espaços educativos alternativos, onde a escola tradicional muitas vezes não alcança, e é nesse momento que eles vão ser acionados como estratégias que colaboram para ampliar o conceito de educação, ao demonstrar, através da história de vida e de formação escolar de uma mulher estudante negra com deficiência, que o aprendizado pode e deve ocorrer em todos os momentos da vida na tentativa de acionar movimentos que se aliem no combate ao racismo, capacitismo e sexism.

4. CONCLUSÕES

Os resultados desta pesquisa demonstraram que a intersecção entre racismo, sexismo e capacitismo gera uma realidade educacional desafiadora para mulheres negras com deficiência. As dificuldades enfrentadas pela estudante não se restringem aos aspectos pessoais, mas sim incluem práticas institucionais, culturais e pedagógicas que perpetuam a exclusão e a marginalização. A presença de estereótipos e preconceitos raciais, aliados à desvalorização de suas

capacidades devido à deficiência e ao gênero, contribui para um ambiente escolar que insiste, por inúmeras vezes, em desconsiderar as necessidades e potencialidades de cada pessoa. A pesquisa revelou que a estudante aciona estratégias como a busca de espaços –chamados na tese- de refúgios alternativos como o carnaval, a religião e os movimentos sociais como forma de luta e resistência. Portanto, a apostila de tese foi confirmada, de que os marcadores de raça, gênero e deficiência resultam em uma interseccionalidade de opressões na vida e na escolarização de Juliana. Por fim, gostaríamos que nosso estudo fosse uma fonte para mostrar que as histórias de vida podem ser um caminho importante na mobilização de “refúgios alternativos”, que se constituam como instrumentos educacionais de luta contra qualquer forma de opressão de mulheres negras com deficiência e outras mulheres que se sintam oprimidas e desvalidadas enquanto ser humano.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COLLINS, Patricia Hill. Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2021.
- CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. Cruzamento: raça e gênero, painel 1, Brasília, Unifem, 2004.
- HAMPATÉ, A. A tradição viva. História geral da África, Metodologia e pré-história da África. In: KI-ZERBO, Joseph. (Ed.). História geral da África, Metodologia e pré história da África. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.
- hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- hooks, bell. Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.
- RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas. Revista Periferia, v. 10, n. 1, p. 71-88, jan./jun. 2019.
- SALVATICI, Silvia. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. História oral, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 29-42, jan./jun. 2005.